



# 3

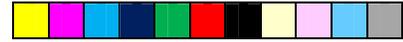
## A viagem do Windhuk: apontamentos sobre migração, sofrimento ético-político e identidade

### **Diane PORTUGUEIS:**

CV: <http://lattes.cnpq.br/3641556230431708> - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Nesta instituição integramos o NEPIM- Núcleo de Estudos e Pesquisas em Identidade - Metamorfose na qualidade de alunos do mestrado no Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social com apoio do CNPq.

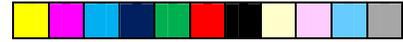
### **Omar ARDANS:**

CV: <http://lattes.cnpq.br/4329829851022890> - Universidade Federal de Santa Maria. Departamento de Psicologia.



# BSTRACT RESUMO ABSTRACT RESUMO ABSTRACT

Resumo	O presente texto discorre sobre possibilidades de emancipação frente a vivências de opressão, geradas pela condição do ser migrante. Para tanto, relatamos, a partir de um fato histórico dado no Brasil, a experiência de uma população de imigrantes alemães durante o governo de Getúlio Vargas, no momento político conhecido por “Estado Novo”. Levamos em conta, relatos da referida população e buscamos, sob o prisma do sofrimento compreendido como ético-político, debater possibilidades de emancipação. Pretendeu-se dar luz a importância da afetividade relacionada ao desenvolvimento de potencialidades, projetos de futuro e também identidades.
Palavras-chave	migração, alemães, sofrimento ético-político, identidade
Abstract	This paper addresses the possibilities of emancipation from the oppressive experiences faced due to the condition of being an immigrant. For this purpose, we provide the account of a historical event that took place in Brazil regarding the experiences of a group of German immigrants during the “New State” political period under the Getúlio Vargas administration. We took into account reports from the aforementioned group and debated the possibilities of emancipation from the scope of what is understood to be ethic-political suffering. The intention was to focus on the importance of affection in relation to the development of potentials, projects for the future, and also identities.
Keywords	migration, Germans, ethic-political suffering, identity



O *Windhuk* foi uma luxuosa embarcação alemã que realizava viagens turísticas entre a Alemanha e África do Sul. Mais moderno da frota, o navio invocava no nome o passado colonialista da Alemanha. Em sua décima terceira viagem, em julho de 1939, foi surpreendido pela eclosão da Segunda Guerra Mundial, fato que obrigou o navio a refazer seu itinerário. Devido a mudanças nos cálculos do trajeto e a falta de combustível, o *Windhuk* ancorou no Brasil, no porto de Santos, em sete de dezembro de 1939.

Ao ouvir o aviso do Comandante sobre a mudança da rota estabelecida, os passageiros e tripulantes (250 tripulantes e mais de 400 passageiros, turistas de safáris, casais em lua de mel, comerciantes de ouro e diamantes, etc.) tinham duas escolhas: permanecer na Cidade do Cabo (onde o navio estava ancorado até então) ou seguir adiante, apesar da mudança de rota e destino. Na Cidade do Cabo, o navio seria confiscado para servir aos Aliados. A maioria dos passageiros de diferentes países desembarcou e alguns tripulantes tentaram a fuga em botes salva vidas, não se sabendo até hoje seu destino.

Os alemães, contudo, não desembarcaram. “*Nós, alemães do Reich devemos permanecer à bordo*” foi o comentário. (ÉPOCA online, 2004<sup>66</sup>) Em uma noite o *Windhuk* partiu em fuga. O destino, a princípio, era a cidade de *Bahia Blanca*, na Argentina. No entanto, para domar ondas gigantescas era necessário outro plano. Além disto, fora descoberto que ficariam sem óleo antes mesmo de alcançarem a costa. O navio escalou como alternativa o mapa da América do Sul rumo ao Brasil. Iniciou-se então uma viagem rumo ao desconhecido Brasil e a um destino totalmente fora dos planos.

Antes de chegarem ao Porto de Santos, os marinheiros do *Windhuk* pintaram o casco de preto e os chineses que trabalhavam na lavanderia confeccionaram uma nova bandeira. Os ideogramas chineses deveriam convencer os brasileiros de que era o navio japonês *Santo Maru* a aproximar-se. O comentário foi de que quando os funcionários do porto os viram, todos loiros e com olhos azuis, começaram a rir copiosamente. E assim se deu a entrada do *Windhuk* em terras brasileiras.

Por dois anos os alemães do *Windhuk* foram muito felizes. De fugitivos da Marinha inglesa, transformaram-se em galãs europeus, de férias nos trópicos. “*Foi o paraíso da minha vida, férias, praia de Segunda à Segunda e meninas*” relata Otto.

Ressaltamos que durante a Segunda Guerra Mundial o Brasil vivia o período conhecido por Estado Novo, mas manteve-se neutro até 1939. Dados de Dietrich (1997)

---

<sup>66</sup> A maior parte dos dados e também relatos sobre o *Windhuk* teve como fonte a revista Época online. Para maiores informações consultar <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDR64926-6014,00.htm>



mostram que o Brasil, durante o período inicial da guerra, desfrutou do poder de barganha. Getúlio Vargas manteve dissimulada neutralidade perante aliados e eixistas, favorecendo as negociações comerciais. Entretanto, após a ajuda financeira norte-americana para a construção da siderúrgica de Volta Redonda, o governo brasileiro aliou-se aos Estados Unidos, Inglaterra e França na luta contra os países do Eixo, em 31 de agosto de 1942. (DIETRICH, 1997; RAMOS *et al.* 2009).

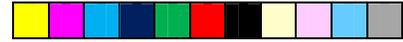
A partir de então, imigrantes alemães não eram mais bem vindos. Passaram a ser perseguidos e até mesmo presos em campos de concentração, criados para abrigar exclusivamente prisioneiros do Eixo - alemães, italianos e japoneses - nas cidades de Pindamonhangaba, Guaratinguetá, Bauru, Ribeirão Preto e Pirassununga, no interior Paulista.

Segundo relatos levantados pela revista *Época* (2004) os prisioneiros foram amontoados em caminhões e levados para o confinamento em chamados Centros de imigração. “*Este foi o inferno de minha vida*” comenta o mesmo Otto, “*Éramos bichos*” ressalta Erwin Dietrich. O Brasil manteve, por anos, pessoas presas devido a sua origem. “*Nosso navio não era de guerra, por que nos foram tirados anos de vida? Dormíamos em estábulos, como gado. À noite éramos fechados e não tínhamos banheiro. Uma vez nos deixaram pelados de castigo, por dias*” conta Erwin Dietrich, prisioneiro em Bauru-SP aos 18 anos de idade.

Sayad (1998) destaca a existência de uma lógica de segregação e de dominação geradoras de racismos, uma vez que o imigrante, por não ser um autóctone (alguém do lugar), tem a igualdade de direitos recusada. “[...] não sendo o imigrante um nacional, isso justifica a economia de exigências que se tem para com ele em matéria de igualdade de tratamento frente à lei e na prática” (SAYAD, 1998, p. 58). Usando-se como pretexto as desigualdades, a igualdade de fato “torna-se impossível devido à desigualdade de direito” (*ibidem*). Deve se considerar, no caso dos ex-tripulantes do *Windhuk*, uma imigração que se deu de modo forçado, sem preparo ou planejamento prévio.

O mesmo autor coloca ainda o uso do termo etnocentrismo como desculpa para descrever qual imigrante é “educável” ou “consertável” ou ainda “evoluível”, sobretudo, quando este é julgado por aqueles que estão em posição dominante. Desta forma, é justificado todo o incentivo ao discurso pronunciado sobre as iniciativas moralizantes às quais os imigrantes são submetidos.

Tudo isso são coisas que se gosta de confundir e encarar apenas do ponto de vista daqueles que tomaram essa iniciativa: a ação educativa, no sentido amplo do termo (na verdade ação civilizadora), exercida sobre essa “classe perigosa”, esses “nativos desnaturados”, esses “selvagens”



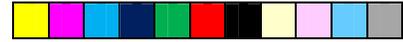
vindos de outro continente - geográfico e ainda mais cultural - e de outro tempo [...]. (SAYAD, 1998, p. 61)

Magalhães (1998) coloca que discriminações sofridas por imigrantes “teutos” e seus descendentes, em virtude de sua origem, provocou nestes a convicção de que eram efetivamente estrangeiros e o seriam para sempre no Brasil. A discriminação sempre esteve presente, já no início das imigrações no século XIX, ainda que de forma sutil. Seja pelo fato de professarem a religião protestante, utilizarem idioma estrangeiro ou mesmo por serem trabalhadores braçais.

Além disto, cabem em paralelo, reflexões de Sayad (1998) e Koltai (1997) quanto à condição produzida pelo significado do “ser imigrante”. Sayad (1998) afirma que a imigração sofre de uma contradição dupla, porque representa um estado provisório que se prolonga indefinidamente, ao mesmo tempo em que se torna um estado definitivo e vivido com o sentimento de provisório. Para o senso comum, *estrangeiro* é alguém que vem de outro lugar, que não está em seu país e que, ainda que em certas ocasiões possa ser bem-vindo, na maioria das vezes é passível de ser mandado de volta para seu país de origem, repatriado. “A categoria sócio-política que o estrangeiro ocupa o fixa numa alteridade que implica numa exclusão, necessariamente.” (KOLTAI, 1997, p. 8).

Pierre Bourdieu (1998) em sua introdução a Sayad (1998) traz interessante definição do “ser imigrante”:

[...] o imigrante é *atopos*, sem lugar, deslocado, inclassificável. Nem cidadão e nem estrangeiro, nem totalmente do lado do mesmo, nem totalmente do lado do outro, o “imigrante” situa-se neste lugar “bastardo” de que Platão também fala, a fronteira entre o ser e o não-ser social. Deslocado, no sentido de incongruente e inoportuno, ele suscita o embaraço; e a dificuldade que se experimenta em pensá-lo - até na ciência, que muitas vezes adota, sem sabê-lo, os pressupostos ou as omissões da visão oficial - apenas reproduz o embaraço que sua inexistência incomoda cria. Incômodo em todo lugar, e doravante, tanto em sua sociedade de origem, quanto em sua sociedade receptora, ele obriga a repensar completamente a questão dos fundamentos legítimos da cidadania e da relação entre Estado e a Nação ou a nacionalidade. Presença ausente, ele nos obriga a questionar não só as reações de rejeição, que, ao considerar o Estado como uma expressão de Nação justificasse pretendendo fundar a cidadania na comunidade da língua e de cultura (quando não de “raça”). [...] o “imigrante” funciona, como podemos notar, como um extraordinário analista



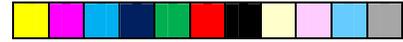
das regiões mais obscuras do inconsciente.  
(BOURDIEU, 1998, p.11-12)

Há de ser levado em consideração, neste contexto relacionado ao “ser imigrante”, o que Appadurai (2009) retrata em seu ensaio, quanto à violência em larga escala exercida por maiorias sobre minorias, violência associada a aspectos culturais. O autor promove tal relação, quando entende que, em se tratando de uma determinada cultura, maiorias numéricas precisam de minorias que abarquem sua angústia e ansiedade, necessitando, desta forma, de um objeto que eleve sua sensação de completude, o que justificaria, em seu entendimento, a ocorrência de estereótipos, preconceitos até xenofobias e genocídios.

O medo é direcionado aos imigrantes (pequenos números), que por sua vez, corporificam o grande medo do abstrato. São, neste contexto de exorcismo do novo, transformados em “identidades anômalas” (APPADURAI, 2009, p. 40). Se, de um lado, podem ser vistos como necessários, são, ao mesmo tempo, mal recebidos, rechaçados, considerados parte principal do fracasso das estruturas econômicas. Para as maiorias, “os pequenos números (minorias) levam ao fantasma da conspiração” (idem, p.52) ou “pequenos números carregam interesses especiais” (idem, p. 53).

Com o surgimento do ideário nacionalista das elites brasileiras, principalmente durante a Segunda Guerra Mundial, o anti-germanismo revelou-se de maneira contundente. Naqueles anos de guerra, em nome da defesa da Pátria, depredaram-se lojas, associações e entidades “teutas”. Os retratos de familiares e também de seus ídolos nacionais eram quebrados, suas bandeiras rasgadas e proibida a circulação de periódicos na língua alemã. Nos jornais, notícias de toda ordem justificavam e estimulavam tais represálias: os teuto-brasileiros eram condenados como espíões, traidores e perversos inimigos de todos os povos sendo merecedores, portanto, de uma pena capital: “Viva o Brasil, morte à Alemanha, gritavam os populares nas ruas das cidades.” (MAGALHÃES, 1998, p. 15).

Os alemães sofreram com a política nacionalista do governo Vargas uma série de decretos publicados que atingiram seus costumes, o cotidiano e valores. Ficou proibido falar seu idioma em público, reunir-se para atividades políticas ou manter escolas essencialmente alemãs (PERAZZO, 2009). Cabe aqui a observação de Stuart Hall, quanto ao lugar da língua expresso na cultura: “[...] Falar uma língua não significa apenas expressar nossos pensamentos mais interiores e originais; significa que já estão embutidos em nossa língua nossos sistemas culturais.” (HALL, 2011, p. 40) Como estas experiências marcaram a vida destes sujeitos?



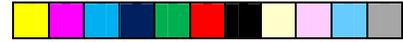
Além disto, questionamos a condição de opressão vivenciada por passageiros e tripulantes do Windhuk durante o confinamento e sua condição de imigração “à força” produzida por uma situação não planejada. Na busca pelo descobrimento do mundo, realização de sonhos e vivência de liberdade, qual fora o significado de estar preso? Atrevemo-nos ir além, pensando a condição específica destes sujeitos: o que significa estar preso a uma condição da qual não se pode fugir e nem se pode negar: a própria origem? Seriam estes prisioneiros de fato livres ao serem libertados? Como se configuraria seu futuro a partir de então?

Para se pensar a problemática suscitada, busca-se apoio na categoria denominada “sofrimento ético-político” (SAWAIA, 2011) que nos auxilia a compreender a dimensão e os desdobramentos cuja condição de exclusão provoca nos sujeitos.

[...] se os brados de sofrimento evidenciam a dominação oculta em relações muitas vezes consideradas como parte da natureza humana, o conhecimento dos mesmos possibilita a análise da vivência particular das questões sociais dominantes em cada época histórica, em outras palavras, da vivência do mal que existe na sociedade. Estudar exclusão pelas emoções dos que a vivem é refletir sobre o “cuidado” que o Estado tem com seus cidadãos. Elas são indicadoras do (des)compromisso com o sofrimento do homem, tanto por parte do aparelho estatal quanto da sociedade civil e do próprio indivíduo. (SAWAIA, 2011, p. 101, aspas da autora)

Segundo Sawaia, ao introduzir-se a emoção com o sentido ético-político, obrigam-se as ciências humanas em geral, e a Psicologia Social em especial, a incorporar o corpo do sujeito, até então desencarnado e abstrato, nas análises econômicas e políticas. (SAWAIA, 2011, p.102)

Quanto à condição vivida por estes imigrantes, cabe salientar as emoções, justamente por estas serem sociais e, portanto, fenômenos históricos, cujo conteúdo e qualidade estão sempre em construção. Cada momento histórico prioriza uma ou mais emoções como estratégia de controle e coerção social. Hoje, por exemplo, a culpa muda o caráter de expiação, de pública à individual e privada (SAWAIA, 2011 p. 104). Trata-se aqui da emoção vivida, que não diz respeito somente ao eu individual, mas ao sofrimento do excluído, portanto, aos fundamentos da coesão social e da legitimidade social. Ela revela o sofrimento pela consciência de como a lógica



excludente opera no plano do sujeito e é amparada pela subjetividade, assim constituída. (*idem*, 2011)

Reportamo-nos ainda a mesma autora, para ressaltar que o sofrimento psicossocial pode redundar em morte biológica. Lembremos como exemplo, do banzo (doença misteriosa que matava o negro escravo brasileiro) gerado, sobretudo pela tristeza advinda do sentimento de estar só e humilhado, por causa de ações legitimadas pela política de exploração e dominação, seja ela econômica ou política. Pensemos aqui, condições semelhantes, vividas pelos sujeitos ex-tripulantes do *Windhuk*, resultado de uma política advinda de um momento sócio-histórico específico. O sofrimento ético-político varia historicamente, mas é por meio de suas nuances que podemos compreender como os sujeitos foram afetados e de que forma o foram, nas diversas facetas produzidas pela sociedade em questão.

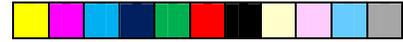
Em síntese, o sofrimento ético político abrange as múltiplas afecções do corpo e da alma que mutilam a vida de diferentes formas. Qualifica-se pela maneira como sou tratada e trato o outro na intersubjetividade, face a face ou anônima, cuja dinâmica, conteúdo e qualidade são determinados pela organização social. Portanto, o sofrimento ético-político retrata a vivência cotidiana das questões sociais dominantes em cada época histórica, especialmente dor que surge da situação social de ser tratado como inferior, subalterno, sem valor, apêndice inútil da sociedade. Ele revela a tonalidade ética da vivência cotidiana da desigualdade social, da negação imposta socialmente às possibilidades da maioria apropriar-se da produção material, cultural e social de sua época, de se movimentar no espaço público e de expressar desejo e afeto. (SAWAIA, 1995 *apud* SAWAIA, 2011 p. 106)

Para elucidar o que foi tratado em parágrafos anteriores, expomos alguns relatos e histórias vividas pelos integrantes do *Windhuk* nos campos de concentração em São Paulo:

*“Eu me tornei mais elástico e vivi feliz”* (Otto Kramper, 84 anos)

*“Embarquei para conhecer o mundo, ser livre. Não queria me casar.”* (Hilde, 88 anos).

Hilde casou-se em Santos, na cabine do piloto. Engravidou já confinada no campo de concentração em Pindamonhangaba. Como era casada, tinha o direito a viver numa casa com o marido e as outras duas únicas mulheres da tripulação. Comprou o enxoval na cidade, escoltada por soldados com fuzis. Pariu com a silhueta de um deles recortada a janela do hospital. Os companheiros fizeram um berço para seu filho. Depois do final da guerra, Hilde transformou-se em uma das primeiras especialistas em ortóptica do Brasil. Depois que seu marido morreu, em 1963, Hilde voltou à Alemanha algumas vezes. Na última, alugou um carro e dirigiu por



12.000 quilômetros, sozinha aos 78 anos de idade e sentia-se livre. Aos 88 pretende repetir o feito.

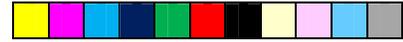
Heinz, 83 anos, só conseguiu voltar à Alemanha 50 anos depois do fim da Guerra, quando já tinha se tornado brasileiro demais. “*Fui e já fiquei louco para voltar para o Brasil. Não Vou mais.*”

Quanto aos contextos supracitados, propõe-se a reflexão de Almeida (2005):

Movendo-se no tecido socialmente construído, o indivíduo pode estabelecer as pontes e as mediações entre sua condição e suas possibilidades, tipificando e ao mesmo tempo, individualizando sua trajetória. As relações entre a biografia e o contexto social onde ela se desenrola, a sociedade em última instância, têm múltiplas direções; não constituem vias de mão única. A existência do projeto dificulta se não impede uma acomodação passiva do sujeito diante das circunstâncias, provocando uma atitude de reserva, e mesmo de resistência, nas suas relações com seu entorno social, isto é, com seus outros significativos e com o meio social mais geral. Evidentemente, a realização do projeto exige do indivíduo uma boa dose de criatividade a às vezes de discernimento frente a oportunidades inesperadas para delinear uma ação consequente, condizente com sua realidade. (ALMEIDA, 2005, p. 84)

Com base nos relatos, pensamos ser possível o surgimento de potencialidades advindas justamente desta condição: o sofrimento vivido. Inspiramo-nos, para tanto, em Espinosa. Para o filósofo, o movimento interno do corpo e o nexos interno das ideias na alma constituem a essência do homem. Esta denomina-se *conatus* - esforço para perseverar na existência, poder para vencer obstáculos exteriores a esta, poder para expandir-se e realizar-se plenamente. Cada *conatus* está relacionado com outros e cada um pode realizar grandes esforços em sua relação com os outros, para poder se preservar. O mundo exterior surge como um conjunto de causas que possibilitam aumentar ou diminuir o poder do *conatus* de cada um. A ação consiste em apropriar-se de todas as causas exteriores que aumentem o poder do *conatus*. Espinosa [2004] define:

Somos ativos quando em nós ou fora de nós ocorre algo de que somos a causa adequada, isto é, quando em nós ou fora de



nós ocorre algo que depende apenas de nosso poder. Somos passivos, ao contrário, quando em nós ou fora de nós ocorre algo de que somos causa inadequada, quando o que ocorre em nós ou fora não depende de nosso próprio poder. (p.17)

A ação é uma potência positiva, a paixão, um declínio da potência. O homem é livre quando, conhecendo as leis da natureza e as de seu corpo, não se deixa vencer pelo exterior e sabe dominá-lo. A essência humana é definida pelo desejo. O desejo é a tendência interna do *conatus* a fazer algo que conserve ou aumente sua força. O desejo do homem livre é o desejo no qual, entre o ato de desejar e o objeto desejado, deixa de haver distância para haver união. (ESPINOSA [2004], p.17) Potência aqui compreendida como direito que cada indivíduo tem de ser, de se afirmar e de se expandir, cujo desenvolvimento é condição para se atingir a liberdade. Logo, o homem é potência de vida, de ação e de expansão e isto pode ser aumentado ou diminuído através do que o corpo imagina que está sentindo e se apropria destas imagens criadas.

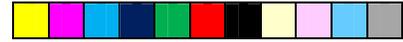
Desta forma, muito do que podemos perceber nos relatos, pode se tratar do que Espinosa sugere com “bons encontros” - que geram afecções positivas e levam a expansão dos sujeitos rumo a formas de emancipação - ou “maus encontros” que levam a afecções tristes - paixões tristes, rumo à passividade. Por afetos, Espinosa entende as afecções do corpo pelas quais a potência de agir deste é aumentada ou diminuída, secundada ou reprimida e ao mesmo tempo, as ideias destas afecções.

Entendemos assim os mecanismos de exclusão como manifestações carregadas de emoções, como o medo diante do desconhecido e outras dificuldades vividas no cotidiano, mas cuja emoção pode também gerar ação para mudança.

Cabe ainda refletir sobre a formação de um projeto emancipatório, relacionado ao momento histórico e social, junto à interferência das emoções neste. Podemos ir além, considerando o desenvolvimento da identidade neste âmbito. Esta, também ligada ao projeto emancipatório, com importante ênfase nas relações que decorrem ao longo da vida.

[...] a identidade pessoal não pode ser entendida como fenômeno meramente individual, mas acima de tudo relacional. Ela se constitui a partir de nossas relações sociais, definindo, conseqüentemente, nossa localização na sociedade. (CIAMPA, 2003, p. 8)

Identidade é relacional. Depende, para existir de algo de fora dela: a saber, de outra identidade, de uma identidade



que ela não é, mas que, entretanto, oferece condições para que ela exista. A identidade é assim, marcada pela diferença. (WOODWARD, 2003, p.9)

Gonzalez Rey (2004) ao falar de identidade trata-a como noção subjetivada do sujeito que só aparece na confrontação com experiências novas, que impedem o sujeito de identificar tais experiências como próprias. Traz para tanto, como exemplo, o migrar enquanto forte experiência pessoal que só pode ser vivenciada dentro de um processo de identidade quando o sujeito mantiver seu campo de *produção de sentidos* diante da nova condição de vida, ou ao contrário, gerar novos sentidos que o permitam reconhecer-se no novo espaço de vida assumido (p.158-159, grifo nosso).

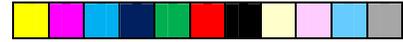
Os imigrantes do *Windhuk*, em sua vivência no confinamento, ainda que em situação de exclusão, abandono e humilhação, conseguiram produzir sentidos potentes o suficiente para que, não apenas sobrevivessem à situação estabelecida, como ainda, vislumbrassem possibilidades de adoção da nova pátria para si, construindo novas condições objetivas de vida. Esta produção de sentidos pôde configurar o futuro destes, que possibilitou escolhas entre manterem-se prisioneiros de uma condição dada, ou passarem desta para outra melhor, reconstruída.

Em se supondo este movimento como emancipatório, Almeida (2005, p. 94) acrescenta: “ (...) não seria reconstruir o que foi reprimido, ou capacitar-se para a vingança” enquanto Habermas, 1987 (apud ALMEIDA, 2005, p. 94) adverte:

Capacidade de construir novas identidades a partir das identidades rompidas ou superadas e de integrá-las de tal modo com as velhas, que o tecido das próprias interações se organiza na unidade de uma biografia peculiar e que, por ser capaz de responder por ela, pode lhe ser atribuída como sua.

Com o fim da Guerra, em 1945, os alemães do *Windhuk* foram libertados, porém, poucos retornaram à Alemanha. Qual seria o significado disto? Reconhecer os mecanismos em que se deu a inclusão-exclusão destes sujeitos, compreender como vivenciaram e lidaram com o sofrimento e a partir deste, como se desenvolveram novas potencialidades provindas de afecções é uma provável forma de delinearem-se respostas possíveis a tal questão.

[...] conhecer o sofrimento ético-político é analisar as formas sutis de espoliação humana por trás da aparência de integração social, e, portanto, entender a exclusão e a inclusão como as duas faces modernas de velhos e dramáticos problemas, a desigualdade social, a injustiça e a exploração. (SAWAIA, p. 107)



Em 1948, um dos integrantes do *Windhuk* fundou um restaurante em Moema (localizado na cidade de São Paulo) com o mesmo nome. Desde então, ocorrem encontros anuais com os ex-tripulantes do navio e suas famílias; hoje em dia, com suas viúvas e também netos. O sentido destes encontros anuais pode estar na manutenção das emoções proporcionadas pelos bons encontros estabelecidos entre os membros participantes desta aventura. No fortalecimento das relações de afeto e também do *conatus*, o grupo se potencializa e assim, em sua relação com a imigração outrora vivenciada como segregação, encontram formas de inclusão na atualidade compartilhando da construção de sentidos que esta vivência lhes trouxe ou ainda lhes traz. Entretanto, há também aqueles que não querem relatar suas histórias e preferem manterem-se calados.

*Retrato de um passado difícil:* é este o caso de um ex-tripulante do *Windhuk*, abordado em um destes encontros no referido restaurante. O silêncio é prova da medida do sofrimento ético-político que segmenta, cala e penetra no sujeito... É possível, mesmo em tal conjuntura, estar presente e compartilhar de afetos que a experiência em grupo gerou, e ainda gera, nos ex- tripulantes e também, possivelmente, em seus familiares e pessoas próximas.

Conclui-se, desta forma, que compreender o sujeito sob o prisma do “sofrimento ético-político” é localizá-lo historicamente, entender sua singularidade, acompanhar sua trajetória e ainda, entrever o surgimento de potencialidades e possibilidades emancipatórias emanadas das construções destes encontros.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, J.A.M. *Sobre a anamorfose: identidade e emancipação na velhice*. Doutorado em Psicologia Social. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2005.

APPADURAI, A. *O medo ao Pequeno número. Ensaio sobre a geografia da raiva*. São Paulo: Iluminuras/ Itaú Cultural, 2009.

BOURDIEU, P. Um analista do inconsciente. Prefácio. In. SAYAD, A. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: EDUSP, 1998, p. 11-12.

CIAMPA. A.C. A identidade Social como Metamorfose Humana em Busca da Emancipação: Articulando Pensamento Histórico e Pensamento Utópico. *Texto de conferência realizada a convite da Comissão Científica da Sociedade Interamericana de Psicologia, XXIX Congresso Interamericano de Psicologia, Lima, 2003.*



\_\_\_\_\_, A.C. Apontamentos de aula. *Seminário Identidade*. Programa de Estudos pós-graduados em Psicologia Social. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2012.

DIETRICH, A.M; ALVES, E. B; PERAZZO, P. F. *Alemanha*. Coleção Inventário DEOPS, Arquivo do Estado/ Imprensa Oficial, 1997.

ÉPOCA online <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDR64926-6014,00.html>>. Acesso em 16/11/2012.

ESPINOSA, B. Ética: In: *Coleção Os Pensadores*. Tradução e notas de Marilena Chauí Berlinck. São Paulo: Nova Cultural, 2004.

GONZALEZ-REY, F. *O social na Psicologia e a psicologia social: a emergência do sujeito*. Petrópolis: Vozes, 2004.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11ª ed. Tradução: SILVA, T. T, LOURO, G.L. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

KOLTAI, C. *O Estrangeiro. Um Conceito Limite Entre Psicanalítico e Político*. Tese de Doutorado- Departamento de Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1997.

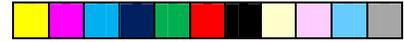
MAGALHÃES, M. B. *Pangermanismo e Nazismo: a trajetória alemã rumo ao Brasil*. Campinas: Unicamp/Fapesp, 1998.

PERAZZO, P. F. *Prisioneiros da Guerra. Os "Súditos do Eixo" nos campos de concentração brasileiros (1942-1945)*. Coleção Histórias da Repressão e da Resistência v. 5. São Paulo: Humanitas; Imprensa Oficial, 2009.

RAMOS, A. G; ALMEIDA, F.S; BEZERRA, P.R.M. *Windhuk: A décima terceira viagem*. Itercom- Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Exposição da Pesquisa Experimental em Comunicação, 2009.

SAYAD, A. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: EDUSP, 1998.

SAWAIA, B.B. O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão. In: SAWAIA, B.B. (org.). *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*. 11º ed. Petrópolis: Vozes, 2011.



\_\_\_\_\_ B.B. Apontamentos de aula. *Seminário sofrimento ético-político: uma categoria de análise e intervenção psicossocial*. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2012.

SEYFERTH, G. A Liga pangermânica e o perigo alemão no Brasil. *História: Questões & Debates*, ano 10 (18/19), 1989.

WILLEMS, E. *A Aculturação dos alemães no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1980.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T.T. (org.). *Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2ª Ed, 2003.